



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

1

APÊNDICE E - PRODUTO EDUCACIONAL

TERMOS RACIAIS



@OCARTIEL

CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO FORMATIVA



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

**“CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO FORMATIVA SOBRE TERMOS RACIAIS
PARA TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS DA UFES”**

VITÓRIA
2024



EUSTÁQUIO VINÍCIUS RIBEIRO DE CASTRO
REITOR

SONIA LOPES VICTOR
VICE-REITORA

VALDEMAR LACERDA JUNIOR
PRPPG

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO
CE

RENATA DUARTE SIMÕES
PPGPE

VITÓRIA
2024

Descrição Técnica do Produto

Autoria: Maria Inês Dias de Freitas (discente) e Professora Dra. Cleyde Rodrigues Amorim(orientadora).

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Superior.

Área de Conhecimento: Educação

Público-alvo: Técnicos Administrativos em Educação.

Categoria desse produto: Campanha de sensibilização.

Finalidade: Formativa e de Sensibilização dos Técnicos administrativos que atuam nos colegiados dos cursos de graduação

Organização do Produto: dispõe dos tópicos: de contextualização, descrição, conceitos e termos usados nas relações raciais; seis cartazes abordando: acolhimento, tipos de racismo, raça, racismo e etnia e educação antirracista; indicação de leituras para aprofundamento; dados do Censo sobre raça/cor educação e ensino superior no Brasil, e considerações finais.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: impresso

URL: Página do PPGPE: www.educacao.ufes.br

Processo de Validação: Validado na banca de defesa da dissertação

Processo de Aplicação: XII Jornada Integrada de Extensão e Cultura, Murais nos corredores de acesso aos colegiados dos cursos de graduação, nos centros de ensino no campus de Goiabeiras, Murais da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá, campus da Unesp-SPI.

Impacto: Alto. Produto elaborado a partir das percepções em relação a presença dos estudantes negros na Ufes e campanha formativa para os Técnicos Administrativos em Educação sobre termos raciais.

Inovação: Alto teor inovativo. O produto disponibiliza termos e conceitos raciais.

Origem do Produto: Dissertação intitulada "A percepção dos Técnicos Administrativos em Educação sobre o acolhimento e permanência dos estudantes negros na Universidade Federal do Espírito Santo".

1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PRODUTO

Este produto educacional foi produzido a partir da dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e desenvolvido com base em todo o trabalho que visou sensibilizar os Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) no que diz respeito às temáticas raciais e alguns termos e conceitos¹. Nosso objetivo é trazer noções de autores que discutem as questões étnico-raciais, para que os TAEs que atuam nas Secretarias de Colegiados de Cursos possam se aproximar de informações importantes em relação aos negros e sua história no país.

O pensamento sobre a criação deste produto teve início com a percepção da necessidade de formação para os servidores da Ufes sobre a temática racial, considerando a aprovação da Lei de Cotas, em 2012, e o acesso dos estudantes negros à Universidade.

Desde 2017, a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais está disponível para os cursos de licenciatura, contando com quatro docentes para atender toda a demanda. No entanto, há uma escassez de obras atualizadas e de autoria de especialistas na temática racial, o que limita a ampliação da oferta e a possibilidade de oferecer formação adicional tanto para os servidores da Ufes quanto para os docentes.

Diante da escassez dessas informações e da importância para o acolhimento e a permanência dos estudantes negros na Ufes, disponibilizamos esta campanha de sensibilização, almejando despertar o interesse de todos para a história e a cultura afro-brasileira e africana.

¹ Na introdução de “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”, Gomes (2005) escreve sobre diferentes interpretações que as pessoas da sociedade brasileira têm sobre relações raciais e argumenta que os movimentos sociais, principalmente o Movimento Negro Unificado (MNU), sempre trabalharam as questões raciais com foco nas dimensões das interpretações políticas desses conceitos, e que há uma necessidade de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos. Ela trabalha diversos termos-chave para sinalizar as relações raciais: identidade, identidade negra, etnia, raça, racismo, preconceito racial, democracia racial e discriminação racial.

As pessoas terão oportunidade, além da observação e leitura da ilustração, de apontar o celular ao QR CODE nos cartazes para obter as referências e ampliar a leitura sobre a temática, caso haja interesse de se aprofundar por meio de cursos de formação e ou *lives* disponíveis no Youtube.

2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O resultado final desta pesquisa consiste em um material físico a ser apresentado ao término do estudo. Este produto é delineado na introdução da pesquisa como um dos objetivos específicos, focado na criação de uma campanha de sensibilização utilizando termos raciais. O material conterà informações importantes e concisas, destinadas a fomentar o interesse dos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) pela formação em história e cultura afro-brasileira e africana, ampliando seus conhecimentos e promovendo uma nova abordagem no acolhimento dos estudantes negros na Ufes.

A importância deste produto reside na rápida acessibilidade a conceitos raciais, básicos e fundamentais para o cotidiano de trabalho, escritos por estudiosos da temática racial. A proposta é fixar ilustrações nos murais dos corredores de acesso aos Colegiados dos Cursos de Graduação de Goiabeiras. Este projeto é concebido como uma maneira indireta de proporcionar formação, visando melhorar a qualidade de vida dos estudantes negros de origem étnico-racial negra, muitas vezes pertencentes a classes menos favorecidas, os quais têm a oportunidade de frequentar a Universidade como um meio de ascensão cultural e social.

Pretende-se, também, obter atenção para uma educação antirracista, por meio da ilustração, da escrita e do aprofundamento sobre a temática, ao direcionar por meio do QR CODE. Nessa perspectiva, intentamos promover impactos positivos na promoção da igualdade racial e no combate ao racismo institucional.

Elaboramos quatro cartazes apresentados a seguir. O primeiro ilustra o título da dissertação, chamando atenção para a leitura, podendo ser algo leve, tendo em vista a postura da leitora, conforme áudio explicativo.

O público-alvo desta pesquisa são os Técnicos Administrativos em Educação da Ufes dos setores que fazem atendimentos aos estudantes. Pretendemos, por este meio,

indicar como os conhecimentos sobre as temáticas raciais podem impactar no atendimento, levando a uma relação mais harmoniosa com o outro e consigo mesmo, ao ampliar seus conhecimentos.

Para o desenvolvimento do produto, utilizaremos os conteúdos da pesquisa, bem como o aporte teórico. O material tem ilustração elaborada por *design* gráfico.

Espera-se que o produto de educação antirracista desperte e amplie o interesse para o campo acadêmico, provocando curiosidade sobre a prática educacional e para a justiça social.

3 APONTAMENTOS SOBRE CONCEITOS E TERMOS NAS RELAÇÕES RACIAIS

Os conceitos e termos relacionados às questões raciais têm sido estudados desde os anos 1960, impulsionados pela política de educação antirracista liderada pelos Movimentos Negros. Após a Constituição Federal de 1988, houve um reconhecimento crescente da pluralidade cultural no Brasil. Em 2001, um marco político significativo foi estabelecido em Durban, África do Sul, resultando na Lei nº. 10.639/03 no Brasil, que determinou o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Posteriormente, a Lei nº. 12.711/12, conhecida como Lei de Cotas, atualizada pela Lei nº. 14.723/23, juntamente com a Lei nº. 12.990/14, que estabeleceu cotas para concursos públicos

Nessa perspectiva, acadêmicos e pesquisadores negros exploram a história e a cultura afro-brasileira de múltiplas maneiras, visando promover a compreensão das questões raciais e fornecer uma base para a construção de conhecimentos relevantes sobre o tema.

À vista de compreender termos e conceitos relativos às relações raciais, Nilma Lino Gomes (2005, p. 39) nos diz que

Os termos e conceitos revelam não só a teorização sobre a temática racial, mas também as diferentes interpretações que a sociedade brasileira e os atores sociais realizam a respeito das relações raciais. Nesse contexto, é importante destacar o papel dos movimentos sociais, em particular, do Movimento Negro, os quais redefinem e redimensionam a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhe uma dimensão e interpretação políticas. Nesse processo, os movimentos sociais cumprem uma importante tarefa não só de denúncia e reinterpretção da realidade social e racial brasileira como, também, de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos.

De acordo com a autora, as discordâncias entre diversas ênfases, concepções e práticas sociais evidenciam a extrema complexidade da questão do racismo.

Para Munanga e Gomes (2016, p.179), o conceito de **racismo** consiste em

[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato dos olhos etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos de humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira.

Uma das manifestações mais evidentes do racismo é a discriminação individual, e esses atos discriminatórios podem variar desde comentários ofensivos até violência física, deixando cicatrizes profundas nas vítimas e perpetuando um ciclo de desigualdade. Já a forma institucional do racismo, segundo Munanga e Gomes (2016, p. 180), “[...] implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo estado ou com o seu apoio indireto”.

No que diz respeito ao conceito de **raça**, “[...] etimologicamente, surgiu do italiano *razza*, o qual, por sua vez, veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie” (Munanga, 2003, p. 1).

Segundo Munanga (2003, 1-6)

[...] o conceito de raça foi usado na zoologia e na botânica para classificar animais e vegetais. [...] o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum. [...]. Nos séculos XVI-XVII o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época. [...] Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e na semelhança. [...] No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela. Ora, a cor da pele é definida pela concentração da melanina. [...] os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade, cientificamente é inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças, ou seja, as raças não existem [...] Alguns biólogos anti-racistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e a política, considerando a raça como uma construção sociológica e a categoria social de dominação e de exclusão.

Nesse sentido, Munanga e Gomes (2016, p. 175) ressaltam que

Já o movimento negro e vários estudiosos, atualmente, quando usam o termo “raça”, não o fazem alicerçados na ideologia nazista. Ao contrário rejeitam a ideia de que existam raças superiores e inferiores. Os grupos políticos lançam mão do conceito, dando-lhe um outro significado, relacionado ao reconhecimento da diferença entre grupos humanos, sem atribuir qualidades positivas e negativas, ao reconhecimento na condição das origens ancestrais e identidades próprias de cada um deles. Esse uso tem um sentido social e político, que diz respeito à história da população negra no Brasil e à complexa relação entre raça, racismo, preconceito e discriminação racial.

Além disso, denunciam o racismo, alertando a todos para o fato de que aqueles classificados como negros estão expostos a condições de vida, educacionais e salariais extremamente desiguais, quando comparados ao segmento branco da população brasileira (Munanga; Gomes, 2016).

O termo **identidade** é estudado por vários pesquisadores devido à complexidade dessa expressão. A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, por meio do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para se definir em contraposição ao alheio.

A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (Munanga, 1996, p. 17).

Ainda sobre identidade, Stuart Hall (2012) apresenta o conceito de identidade como algo em constantes mudanças e alterações, ou seja, define enquanto estado provisório e aberto à contestação, devido à sua complexidade. Para o autor,

Para aqueles (as) teóricos (as) que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (Hall, 2022, p. 10).

Diante da complexidade dos conceitos apresentados, entendemos que identidade se constrói a partir do outro, em sua interação, da percepção do outro de acordo com o tempo e com o espaço. Além de ser construída no diálogo com o outro, a identidade

é também construída consigo mesmo, produzindo, assim, um pensamento e um conhecimento.

O termo **etnia** é muito usado entre os intelectuais do Movimento Negro, tendo em vista a adoção social e política do termo raça, os quais mencionam a etnia destacando a origem ancestral, étnico-racial do negro e cultural do brasileiro. Para Munanga (2003, p. 10),

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território... A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas recorrem com mais frequência ao conceito de raça. Eles empregam ainda este conceito, não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. Alguns, fogem do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de “fala politicamente correta”. Essa substituição não muda nada a realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses.

Em relação ao termo **preconceito racial**, ele se constitui como um pré-julgamento de um grupo ou uma pessoa pela etnia e/ou pela religião. O preconceito racial é uma atitude inflexível. É uma opinião formada previamente, sem o conhecimento e sem assumir que é uma pessoa preconceituosa. Ou seja, o preconceito é aprendido socialmente.

Acerca disso, Gomes (2005) afirma que é necessária a discussão sobre o preconceito para sua superação, juntamente com o racismo e a discriminação racial. A autora encontra contribuições de Zilá Bernd (1994, p. 9-10) para destacar que

O indivíduo preconceituoso é aquele que se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos. É, pois, uma posição dogmática e sectária que impede aos indivíduos a necessária e permanente abertura ao conhecimento mais aprofundado da questão, o que poderia levá-los à reavaliação de suas posições (*apud* Gomes, 2017, p. 54).

Relativamente ao conceito de **discriminação racial**, Gomes (2005) ressalta que a palavra discriminar significa diferenciar. Discriminação racial pode ser considerada a prática do racismo e do preconceito racial. A palavra discriminação possui uma pluralidade de significados, os quais têm conotações claramente negativas, pois sugerem que alguém foi tratado de forma arbitrária. O vocábulo discriminar significa, aqui, categorizar pessoas ou situações a partir de uma característica para atribuir a elas algum tipo de consequência.

Todavia, para Moreira (2020), a palavra discriminação tem também outro significado no mundo jurídico: ela indica que uma pessoa impõe à outra um tratamento arbitrário, a partir de um julgamento moral negativo, o que pode contribuir para que a segunda pessoa esteja em uma situação de desvantagem. Conforme o referido autor, essa mesma expressão adquiriu sentidos ainda mais complexos, em função da percepção de que indivíduos são excluídos porque sofrem diferentes formas de tratamento desvantajoso pelo qual não expressam intencionalidade. Ela tem sido usada para categorizar as práticas daquelas instituições que não tomam as medidas necessárias para que pessoas de diferentes grupos estejam representadas nos seus quadros.

À vista dessa compreensão, Moreira (2020, p. 343) ainda pontua que

Seu caráter sistêmico significa que a opressão não está necessariamente ligada à vontade de indivíduos particulares; membros de grupos dominantes podem pautar as instituições públicas e privadas de forma que elas sempre operem para garantir seus interesses e negar igualdade às minorias [...] Se discriminação é o meio a partir do qual membros de um grupo são excluídos de oportunidades, a desvantagem é a consequência e a situação na qual eles se encontram. A discriminação pode ocorrer na forma de um ato individual ou institucional, mas ela indica que certos segmentos sociais estarão em uma situação de exclusão em função de padrões de comportamento repetidos pelos grupos em posição de poder.

Sobre a expressão **democracia racial**, é uma ideia que surgiu no Brasil como um mito, que sugere que as relações raciais no país são harmoniosas e que não há preconceito ou discriminação baseados na raça ou cor da pele. No entanto, essa ideia não corresponde à realidade, já que as desigualdades raciais persistem em todas as áreas da sociedade, desde o acesso à educação e ao mercado de trabalho até ao sistema de saúde e segurança pública.

Gomes (2005, p. 56) enfatiza sobre o “mito da democracia racial” que

Ninguém nega o fato de que todos nós gostaríamos que o Brasil fosse uma verdadeira democracia racial, ou seja, que fôssemos uma sociedade em que os diferentes grupos étnico-raciais vivessem em situação real de igualdade social, racial e de direitos. No entanto, os dados estatísticos sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde e sobre as condições de vida da população negra, revelam que tal situação não existe de fato. Todavia, a sociedade brasileira, ao longo do seu processo histórico, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, construiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos. Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo.

Portanto, a democracia racial não é uma realidade no Brasil e não podemos minimizar o impacto do racismo na sociedade brasileira, haja vista a importância de reconhecermos e combatermos todas e quaisquer desigualdades e discriminações raciais que ainda existem.

Por fim, no que tange ao conceito de **etnocentrismo**, trata-se de um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. Tal sentimento é embasado em valores considerados universais pela sociedade em questão. Segundo Gomes (2005, p. 53-54),

O etnocêntrico acredita que os seus valores e a sua cultura são os melhores, os mais corretos e isso lhe é suficiente. Ele não alimenta necessariamente o desejo de aniquilar e destruir o outro, mas, sim, de evitá-lo ou até mesmo de transformá-lo ou convertê-lo, pois carrega em si a ideia de recusa da diferença e cultiva um sentimento de desconfiança em relação ao outro, visto como diferente, estranho ou até mesmo como um inimigo potencial. Os sentimentos etnocêntricos estão enraizados na humanidade e por isso mesmo são difíceis de ser controlados. Porém, quando esse tipo de sentimento se exacerba, produzindo uma ideia de que o outro, visto como o diferente, apresenta além das diferenças consideradas objetivas, uma inferioridade biológica, o etnocentrismo pode se transformar em racismo.

Como resultado, muitas culturas ainda permanecem socialmente marginalizadas, perseguidas ou até mesmo criminalizadas.

Usamos como aporte teórico Munanga e Gomes (2016, 11), segundo os quais,

Aprender a conhecer sobre o Brasil e sobre o povo Brasileiro é aprender a conhecer a história e a cultura de vários povos que aqui se encontraram e contribuíram com suas bagagens e memórias na construção deste país e na produção da identidade brasileira.

Apresentamos, no próximo tópico, as ilustrações para a campanha, com capas de livros como referência de leituras recomendadas.

4 CARTAZES PARA A CAMPANHA

ACOLHIMENTO

NKONKONSON-
 SIBOLZA LINÃO
 ENTRE AS FÉSTICAS
 OBI NKA BK
 SIGNIFICA IGUALDADE
 E INCLUIÇÃO

A PERCEÇÃO
 DOS TÉCNICOS-
 ADMINISTRATIVOS
 EM EDUCAÇÃO
 SOBRE O
 ACOLHIMENTO E
 PERMANÊNCIA DOS
 ESTUDANTES NEGROS
 NA UNIVERSIDADE
 FEDERAL DO
 ESPÍRITO SANTO

@OCARTIEL

ESTA CAMPANHA INTEGRA A PESQUISA DE MESTRADO DESENVOLVIDA
 NO PGPPE PELA ESTUDANTE/SERVIDORA MARIA INÊS DIAS DE FREITAS



TIPOS DE RACISMO



@OCARTIEL

ESTA CAMPANHA INTEGRA A PESQUISA DE Mestrado DESENVOLVIDA
NO PPGPE PELA ESTUDANTE/SERVIDORA MARIA INÊS DIAS DE FREITAS



RAÇA, RACISMO E ETNIA



ESTA CAMPANHA INTEGRA A PESQUISA DE MESTRADO DESENVOLVIDA NO PPGPE PELA ESTUDANTE/SERVIDORA MARIA INÊS DIAS DE FREITAS



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

DISCRIMINAÇÃO RACIAL
DEMOCRACIA RACIAL



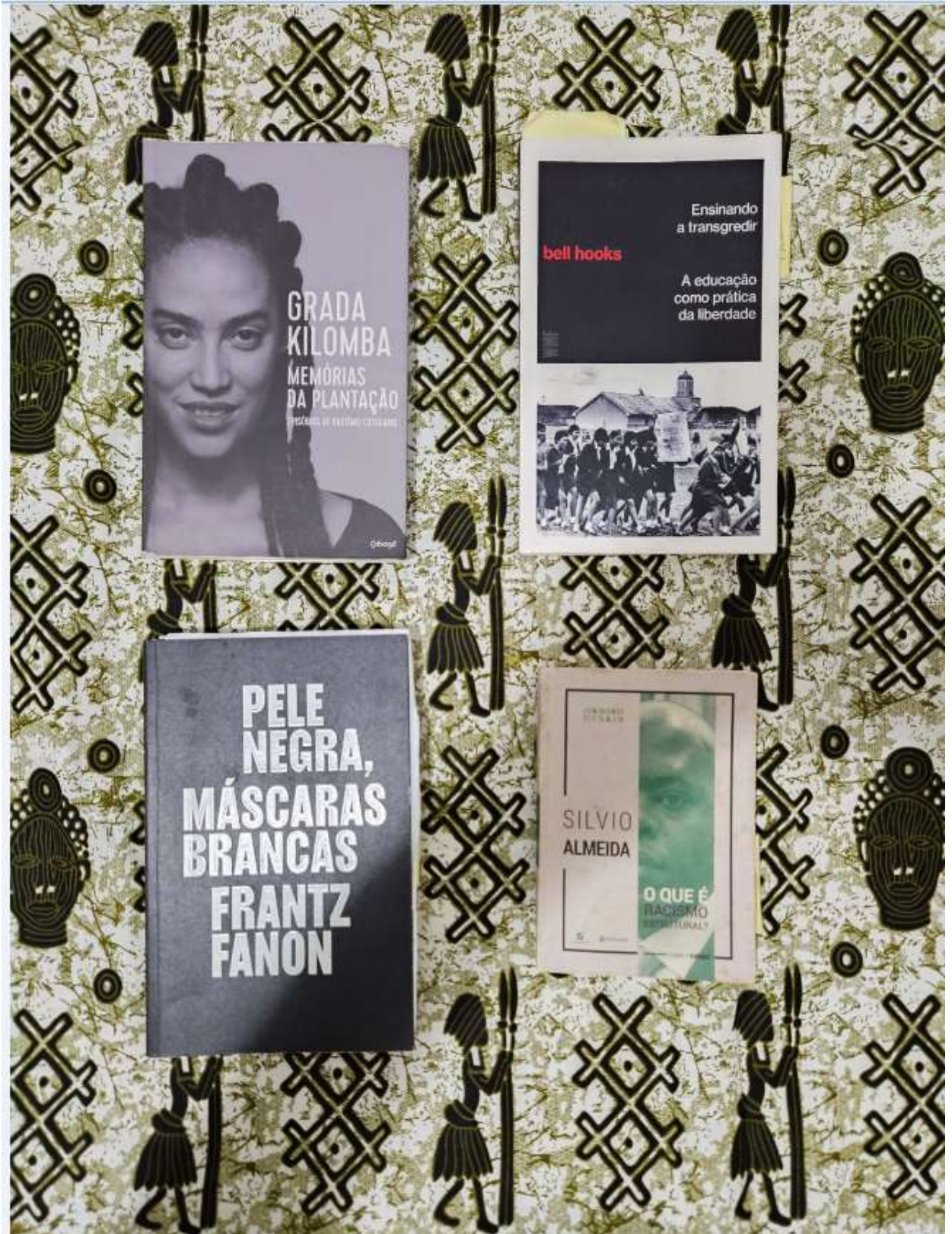
ETNOCENTRISMO
PRECONCEITO RACIAL



@OCARTIEL

ESTA CAMPANHA INTEGRA A PESQUISA DE MESTRADO DESENVOLVIDA NO PPGPE PELA ESTUDANTE/SERVIDORA MARIA INÊS DIAS DE FREITAS



5 LEITURAS RECOMENDADAS PARA APROFUNDAMENTO

Acervo da própria autora.



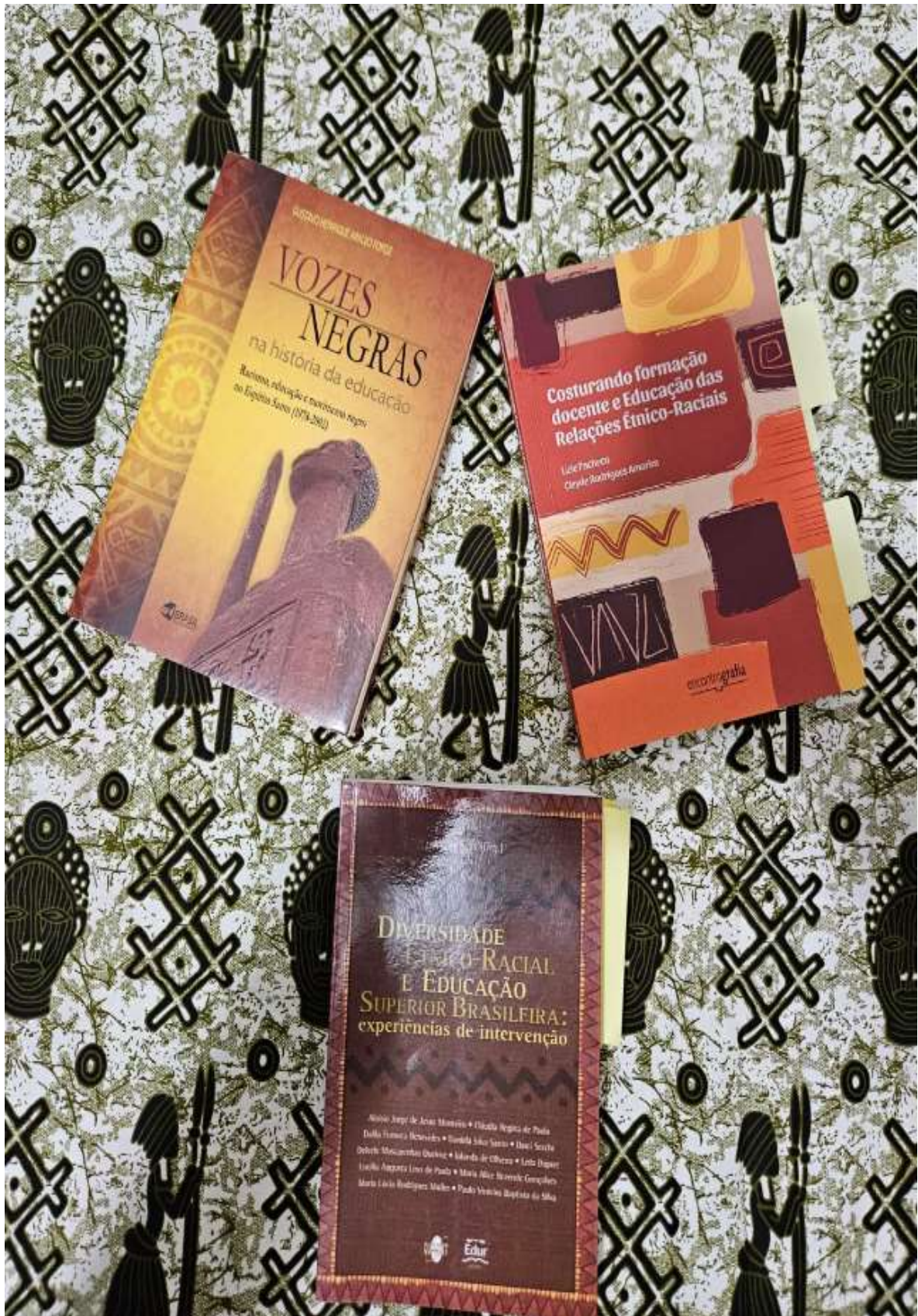
Acervo da própria autora.



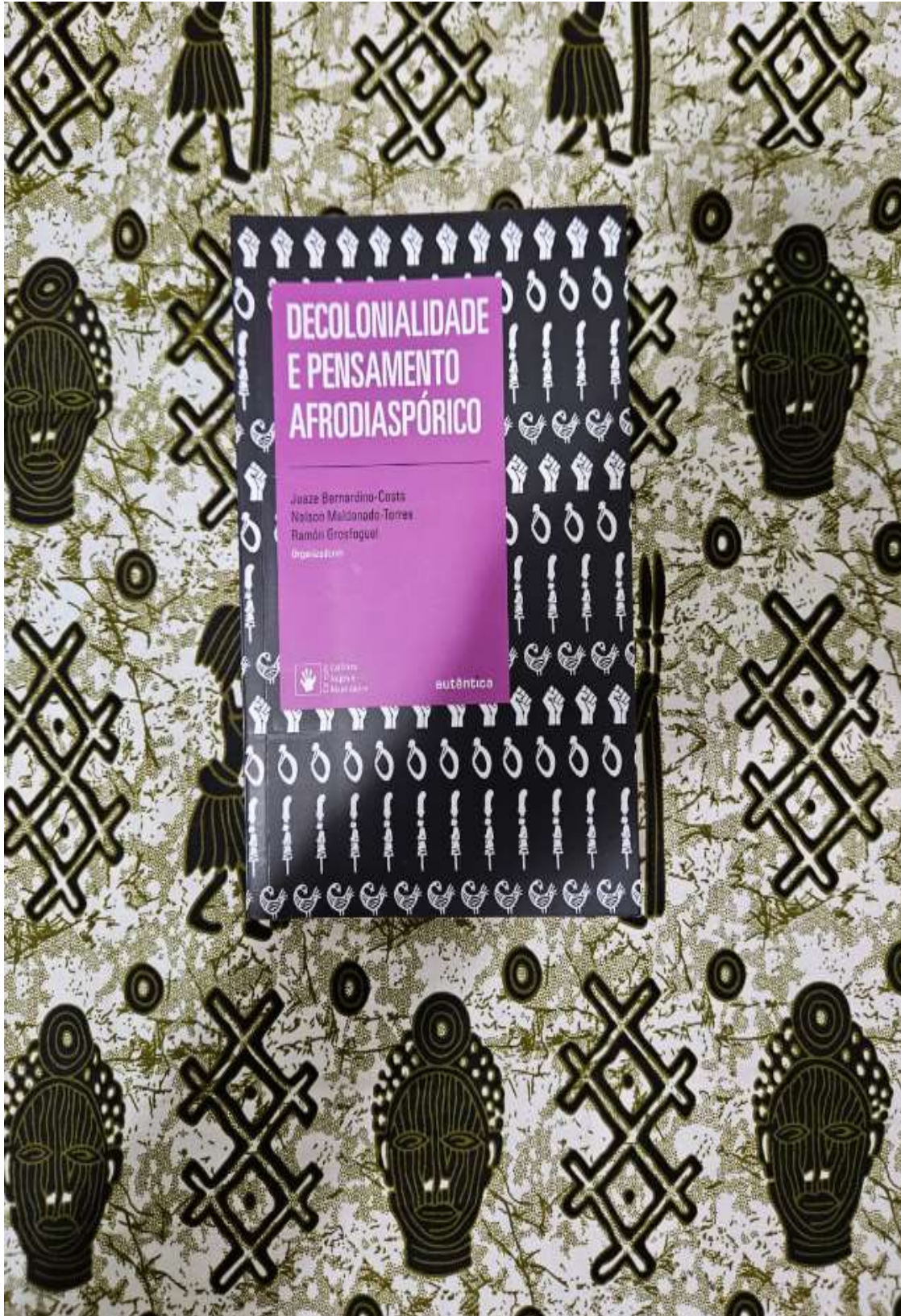
Acervo da própria autora



Acervo da própria autora



Acervo da própria autora

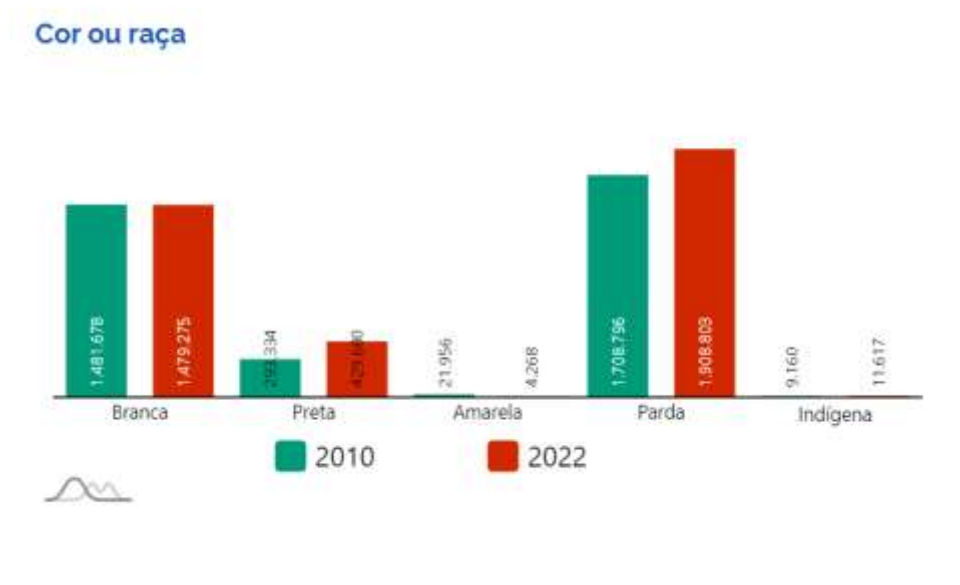


Acervo da própria autora

5 A POPULAÇÃO BRASILEIRA: TERMOS DE RAÇA/COR, EDUCAÇÃO E ENSINO SUPERIOR A PARTIR DO CENSO

O Negro no Brasil representa a maioria da população, tendo em vista os declarados pardos serem a maioria no Brasil, na região Sudeste e no estado do Espírito Santo.

Gráfico 1 – Cor ou raça

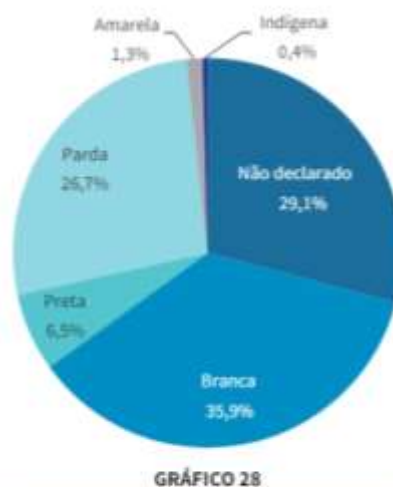


Fonte: IBGE (2022).

O gráfico acima, capturado no sítio eletrônico do Censo IBGE 2022, mostra-nos o aumento no número de pessoas que se declaram pardas.

Em relação ao Ensino Superior, conforme gráfico de resumo técnico obtido pelo Censo de Educação Superior 2022 (Gráfico 2), quanto às declarações relativas à cor/raça do aluno de graduação que ingressou em 2022, há que se destacar, primeiramente, o elevado percentual da opção “Não declarado” (1.264.676 ou 29,1%), a qual consiste no somatório das categorias “Não dispõe da informação” e “Aluno não quis declarar a cor/raça”.

Gráfico 2 - Percentual de alunos de graduação ingressantes, segundo a cor/raça-Brasil 2022

GRÁFICO 2B
PERCENTUAL DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO INGRESSANTES, SEGUNDO A COR/RAÇA - BRASIL - 2022

Fonte: Elaborado por Deed/Inep com base em dados do Censo da Educação Superior.

Fonte: Inep, 2022².

A busca de informações em dispositivos legais de pesquisa se deu para obtermos a confirmação do que observamos, no âmbito da Universidade, quanto ao número de estudantes pretos e pardos que circulam e quais são as políticas incisivas para a formação desses cidadãos brasileiros para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, este produto educacional foi elaborado a partir do conjunto de narrativas ouvidas e lidas, que impulsiona uma leitura mais aprofundada sobre alguns dos termos e conceitos destacados neste trabalho.

A pesquisa que finaliza com a elaboração deste produto é resultado, antes de tudo, de interesse pessoal de uma das pesquisadoras. Surgiu do pensamento de uma pessoa negra retinta que não percebia que suas características fenotípicas frearam vários acessos na sua vida e que, sem perceber, desviou seus objetivos para um caminho mais longo e menos promissor. Esperamos que este produto, mesmo que informalmente, possa fazer com que os TAES se apropriem das leituras e indicações dos autores que contam uma história que transforma a nossa identidade de brasileiros da diáspora africana.

²

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2022.pdf

A implicação social é evidente, porque, mesmo que de forma micro, esta campanha de sensibilização, a partir de termos raciais, poderá alargar os caminhos daqueles que direcionarem as câmeras dos telefones celulares, para que, junto com nossas referências intelectuais negras, possam se educar. Para a mudança que queremos, é necessário alterar todos os currículos, inserindo bibliografia que inclua nossa história. E, complementarmente, investir na aquisição de livros, periódicos e recursos pedagógicos com conteúdos antirracistas, decoloniais e que levem à formação com equidade no ensino, na pesquisa e na extensão da Universidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção deste produto surgiu antes mesmo do início da pesquisa. Desde os primeiros escritos, o projeto de pesquisa foi delineado com este produto em mente. Inicialmente, consideramos a elaboração de uma bibliografia, para ser adquirida para as disciplinas de Educação das Relações Étnico-Raciais dos cursos de graduação, alinhadas às comissões de cada centro responsável pela aquisição de livros e aos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC). No entanto, percebemos que isso seria muito complexo e distante para um Técnico Administrativo em Educação (TAE). Posteriormente, consideramos a realização de um curso de formação para servidores, incluindo docentes e TAEs, mas também avaliamos que isso poderia ser interpretado como o TAE ultrapassando o seu papel usual em relação aos professores. Finalmente, optamos por focar exclusivamente nos TAEs como sujeitos do estudo, culminando no desenvolvimento da campanha apresentada como produto final desta dissertação de mestrado profissional.

Este produto educacional visa sensibilizar os Técnicos Administrativos em Educação que atuam nas Secretarias dos Colegiados dos Cursos de Graduação do *campus* de Goiabeiras e a todos os que se dirigirem aos cartazes como espaço educativo, com o objetivo de iniciar uma reflexão mais profunda sobre questões raciais.

É fundamental que se compreenda que os termos e conceitos apresentados são relevantes para todos os membros desta Universidade (a Ufes) e deste país. A situação dos negros no Brasil evidenciou a necessidade de leis para reparar as injustiças cometidas contra essa população, que compõe mais de cinquenta por cento

deste país e que foi trazida involuntariamente para as Américas, em nome do capitalismo, desempenhando um papel crucial na construção da nação brasileira.

A campanha de sensibilização para os TAEs compreende quatro cartazes, elaborados pelo ilustrador negro Thaliel Maia Sales Pinto. Foi solicitado para ele cartazes que pudessem dialogar com os TAEs que atuam nos colegiados, provocando uma desconstrução do racismo diante de ausência de informação sobre a temática racial, com as cores da identidade visual da Ufes e alguns símbolos adinkras, tendo em vista seus significados.

O primeiro cartaz traz o **título da dissertação** e dois símbolos: *Obi nka* bi, baseado em animais e “incentiva a harmonia, a paz, a unidade, o perdão e a justiça nas relações humanas [...]” (Nascimento e Gá, 2022, p. 41); e o símbolo Nkonsonkonson, que é baseado em forma abstrata e significa o elo ou corrente. “Estamos ligados na vida e na morte [...] símbolo das relações humanas [...]” (Nascimento e Gá, 2022, p. 93). O QR Code contém um áudio introdutório, conforme segue:

“Este material é destinado a profissionais que atuam em setores voltados para o atendimento a estudantes. Ele integra a pesquisa para uma dissertação de mestrado profissional em Educação, cujo título é: A Percepção dos Técnicos Administrativos em Educação sobre o Acolhimento e a Permanência dos Estudantes Negros na Universidade Federal do Espírito Santo. Neste produto, utilizamos cartazes que, além de ilustrações, incluem QR Codes que direcionam para vídeos no YouTube sobre termos raciais, com o intuito de sensibilizar sobre a importância da temática. O primeiro cartaz traz a palavra Acolhimento. Este conceito vai além de meros registros e cadastros; refere-se ao acolhimento genuíno e empático dos estudantes aprovados no processo seletivo, que chegam à universidade cheios de alegria e entusiasmo. É essencial cultivar empatia, especialmente em relação ao estudante negro, que muitas vezes carrega uma história marcada pelo racismo e discriminação relacionados à sua origem e cultura. A campanha formativa, que explora termos e conceitos raciais nos cartazes subsequentes, visa não apenas promover o estudo da questão racial, mas também provocar atitudes conscientes e reflexivas. Com isso, buscamos instigar uma postura ativa e informada, incentivando leituras, filmes e documentários que aprofundem a compreensão da dinâmica racial no Brasil. Essa conscientização é fundamental para que possamos colocar em prática uma atitude antirracista. O

racismo é um problema que deve ser enfrentado e combatido por todos". (Elaborado pela própria autora).

No segundo cartaz, as mãos dadas sugere a união da diferença e, para isso acontecer, é preciso conhecer os **tipos de racismo**. O vídeo trata de letramento racial e tipos de racismo (LETRAMENTO [...], 2023, 13min 19s). No terceiro cartaz, mãos em punho é o símbolo da luta antirracista por meio do que propõe Munanga sobre **Raça, Racismo e Etnia** (KABENGELE [...], 2019, 5min 25s).

Sobre o quarto cartaz, intitulado **Educação antirracista**, objetivamos sinalizar outros termos a serem conhecidos, apresentados no vídeo: GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62 (ALGUNS [...], 2020, 18min e 50seg). A estrada direciona para dois caminhos e ambos levando a termos raciais disponíveis para se conhecer. O símbolo adinkra de cada placa, segundo Nascimento e Gá (2022, p. 63), é baseado em objetos feitos de ser humano.

REFERÊNCIAS

ALGUNS termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil. 2020 (Vídeo 18min 50s). Publicado no canal Richard Christian Pinto dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RDgl4CiLjg0&t=3s>. Acesso em: 04 ago. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. **Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 03 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Brasília, 2023. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm. Acesso em: 14 ago. 2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. 2. ed. ver. São Paulo: Global, 2007.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. **Vozes Negras na história da educação: racismo, educação e Movimento Negro no Espírito Santo (1978-2002)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

IBGE. **Censo 2022**: Brasil. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: 04 ago. 2024.

KABENGELE Munanga - Raça, racismo e etnia. 2019, (Vídeo 5 min 25s). Publicado no canal: Sociologia Animada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTySjC1aQF4>. Acesso em: 04 ago. 2024.

LETRAMENTO racial e tipos de racismo que você precisa conhecer! - [#TurmaExplica](#), 2023, (vídeo 13 min 19s.). Publicado pelo canal Turma do Jiló. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YBxP_--uYUs&t=34s. Acesso em: 05 ago. 2024.

MOREIRA, Adilson José. **Tratado de Direito Antidiscriminatório**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 5, n. 1, p. 17-24, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas. **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, p.31-43, jul./dez. 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**. 5 ed. Rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05 nov. 2003.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

O QUE é Racismo Estrutural? Vídeo do canal Richard Christian Pinto dos Santos, 2020. (Vídeo 26 min 19s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laJ9pWSYpYU>. Acesso em: 05 ago. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

